

ABORDAGEM SOBRE AS CARTAS PORTUGUESAS / NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

Verônica Fernandes Teixeira de Alcântara

Este texto objetiva fazer uma abordagem das *Cartas Portuguesas/Novas Cartas Portuguesas*, documentos de grande importância para a literatura européia, e que serviram como ponto de partida para a elucidação de fatos escritos no século XVII por uma religiosa de claustro.

O marco desta literatura deve-se, principalmente, ao fato de colocar em discussão a condição da mulher, que ao longo do tempo vem sendo discriminada por preconceitos e tabus, sendo colocada sempre numa condição de inferioridade em relação ao homem. Daí o surgimento de vários movimentos feministas, visando minimizar a opressão que as mulheres vêm sofrendo através de séculos.

As *Novas Cartas Portuguesas* constituem a retomada do mesmo tema — a opressão das mulheres — sob o ângulo da modernidade, com todas as transformações sociais e tecnológicas deste século.

Ao longo da história a mulher teve um papel preponderante na literatura. Mesmo lutando contra os preconceitos que lhes impuseram há notícias e escritos que comprovam a sua tenacidade no trato com as letras.

A literatura chamada "feminina" tem sido encarada, sempre como arte pelo menos diferente, ou menor que a literatura produzida por homens. A inexistência do talento da mulher nas grandes realizações do pensamento humano ainda é motivo de assombro e incredulidade com vestígios de condescendência superior, para os homens. Se é impossível negar a inexistência de talento ou de inteligência superior em um ser humano do sexo feminino, isto é explicado como um fenômeno, um prodígio inexplicável. Como foi possível à natureza produzir um Mozart, que compunha melodias complexas aos quatro anos de idade, é também possível que haja mulheres capazes de desenvolver um trabalho tão bem quanto os homens, nos mais diversos ramos de atividade.

Isto é verdade hoje, como foi verdade quando vieram a público as *Cartas Portuguesas* de Soror Mariana Alcoforado.

Constata-se que em 1669, em Paris, as cartas escritas por uma freira a um oficial francês, cuja temática retratava o amor, constituiu-se um verdadeiro escândalo, haja vista ter partido de uma figura feminina, e, se não bastasse, freira de clausura.

Observe-se que as *Cartas Portuguesas* podem ser entendidas da seguinte forma:

— escritas sob a emoção de um amor intenso, logo desaparecido pelo fato da ausência física do amado, seguindo-se a uma enorme esperança de reencontro e, no final, a certeza do inevitável, a separação definitiva.

Percebe-se que as cartas foram o testemunho do *amor* vivenciado por uma mulher que chega quase a sublimá-lo, fazendo deste sentimento a razão do seu viver. Poucas vezes se tem notícias na literatura de uma mulher que se expõe, se retrata e se mostra com tanta ênfase para, antagonicamente, falar de sentimentos opostos amor — ódio, ora levada por forte emoção, ora elucidando-se pela razão. Os sentimentos se confundem e se misturam através das palavras, o que leva a perceber o turbilhão do seu interior; a amargura e o estado de desespero em que se encontrava.

Numa primeira instância detecta-se no conteúdo das cartas a exaltação do sentimento que aos poucos a sufocava, colocando para fora como forma de libertação. Segue-se a isto, a espiritualização deste sentimento quando começa a sentir a não correspondência do amado, o que acarreta total desilusão ao ver seus brios feridos e uma rejeição inexplicável.

Estas cartas não são só o derramamento apaixonado da amada que se sente abandonada pelo amante. Podemos pensar na situação social de Soror Mariana, sua individualidade reprimida, sua situação de objeto manipulado pelos donos do poder, a absoluta solidão e o desamparo de uma menina que se vê privada de tudo o que conhecia e amava, lançada à prisão de um convento sem compreender a verdadeira dimensão disto tudo.

Mariana se sente objeto descartável, apesar de seu poder de raciocínio. Começa a questionar o que lhe acontece e desperta no amor que dedica a um homem. Mas o homem em si não é importante, o que importa é o sentimento que nasce — “No entanto, do fundo do coração te agradeço o desespero que me causas, e detesto a tranqüilidade em que vivi antes de te conhecer”.¹ A partir daí ela descobre que

1. *Cartas Portuguesas*, edição n.º 40.590/1966, Publicações Europa-América, págs. 49, 51.

está viva e é capaz de refletir sobre suas emoções, seus sentimentos proibidos pela própria cultura.

Soror Mariana descobre que o homem é menos importante que a paixão, o exercício de sua individualidade, quando diz: "... tive então a prova de que lhe quero menos do que à minha paixão".²

Em todo o contexto das cartas evidenciam-se características da índole portuguesa.

A marca do Barroco nas cartas insere-se num jogo dilemático, paradoxal, como era comum na psicologia feminina e se constituía sua própria essência. E se não bastasse a confissão de impulsos: carnisais, espirituais, sexuais e místicos que vão e vêm num misto de eterna confusão mental.

Embora escritas no século XVII, estas cartas são atuais nos dias de hoje. Tão atuais que inspiraram a três outras autoras portuguesas, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, três mulheres modernas e inteligentes, à recriação das cartas originais sempre no sentido de desnudar a alma feminina, com suas contradicções, suas paixões, seus sentimentos. Apesar do avanço da humanidade, a mulher continua a viver sob coação tão grande como a que aprisionou Soror Mariana. As manifestações externas mudaram — já não se aprisionam mulheres em conventos — mas as forças subiacentes continuam tão poderosas quanto no século XVII, e talvez mais perigosas porque mais sutis.

As três Marias, autoras das *Novas Cartas Portuguesas*, nos dizem, nos ensinam, como é difícil, penoso e árduo o exercício da paixão, da vida e da liberdade, na conquista por um lugar na sociedade capitalista, por um trabalho bem remunerado.

Ser mulher é estar destinada a derrota quase inevitável, à morte em vida. Há dois caminhos claros para a mulher deste fim do século: a aceitação passiva de sua situação de reprodutora, de senhora com dono, e, sem individualidade — mais sofisticada e instruída que a mulher do passado, mas tão dominada quanto aquela — ou a luta por um lugar no mercado de trabalho, com salário mal remunerado, e a solidão sentimental e afetiva.

As *Novas Cartas Portuguesas* no poema "Eis-nos"³ mostram bem o que é a segunda opção, o quanto ela nos custa. Os versos finais do poema são uma síntese absolutamente perfeita do sentimento da mulher que se quer ser humano, "apartadas dos outros e tão perto".⁴

Num país em que a influência moura condicionou o surgimento de uma cultura machista, sentimental, angustiada, um pouco derrotista,

2. Idem, ibidem, pág. 83.

3. *Novas Cartas Portuguesas*, 3.ª edição, Moraes Editores, Lisboa, Portugal, 1980, págs. 40, 41.

4. Idem, ibidem, pág. 41.

o grito da mulher expressa ódio, vingança, revolta e a ansiedade, a urgência de mudanças, a transformação não apenas da condição da mulher na sociedade, mas dos valores intrínsecos que formam e informam a sociedade.

O livro *Novas Cartas Portuguesas* é uma revelação, a abertura sincera, honesta, do coração, da mente e da alma feminina do século XX. É tão extraordinariamente revelador e franco que pode chocar, causar repulsa aos preconceituosos. E no entanto, sua leitura é um mergulho encantador nesse universo desconhecido que é a mulher.

Talvez as três Marias portuguesas tenham começado a mostrar, não apenas às mulheres, mas à humanidade, quais são, como são, os valores estéticos, as necessidades e ambições, os sonhos e o erotismo da mulher.

Com a virada do século XX, a mulher continuou a se questionar, a fazer perguntas sobre ela própria, sobre a sua condição, o seu comportamento, enfim, sobre o seu papel como ser histórico. A partir do momento que estas indagações emergiram ela se sentiu mais responsável pelo seu destino e caminha na busca de sua independência, através da luta contínua para ocupar na sociedade que aí está, o seu verdadeiro espaço.

É portanto, para nós mulheres uma lição de vida e reflexão a leitura das cartas, pois nos propiciam a visão real e a possibilidade de se fazer um confronto entre a mulher do século XVII e a do século XX, com toda sua problemática, a qual perdura até hoje.

Para concluir: estes dois livros "femininos" marcam significativamente a literatura portuguesa, dos séculos XVII e XX. Mesmo tendo passado vários anos, a mulher não conseguiu ainda sua verdadeira libertação. Até mesmo nos países mais desenvolvidos os movimentos feministas levantam suas bandeiras na busca de maiores espaços. Embora saiba-se que em cada um desses países os movimentos se diferenciam um pouco nos seus objetivos, tais como:

- mais nacionalista na Alemanha;
- religioso na Suécia e Estados Unidos;
- socialista na França e Rússia.

Eles caminham ao lado da ideologia reinante, perdendo muitas vezes, a sua verdadeira essência. É a mulher que num país machista luta pela sua identidade, por um amor que seja "entrega e dom, troca e reciprocidade", por um lugar; não admite mais a sua função precípua de produtora de filhos, submissa a um senhor e sem a sua força de trabalho devidamente valorizada na sociedade atual.

BIBLIOGRAFIA:

- ALCOFORADO, Soror Mariana. *Cartas Portuguesas*. s.l., Publicações Europa-América, 1974.
- BARRENO, Maria Isabel e outras. *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa*. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.
- . *A Literatura Portuguesa*. São Paulo, Editora Cultrix, 1977.
- . *A Literatura Portuguesa através dos textos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1976.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Neo-Realismo Literário Português*. Lisboa, Moraes Editores, 1977.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSO. s.l., Editora Delta-Editora Três. v. 4.

Damos hoje prosseguimento à nossa Cronologia Vocabular, atingindo a zona de anteriores verbetes atualizados em relação ao referencial adotado: o saber o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, do abalizado lexicógrafo António Gêraldo de Cunha. Vamos a nós:

701. REMISSO: "E quando vira q' pretados remissoz e delixados, non dando pena aos culpados, houvera em si a misericórdia do Senhor Deus" (Séc. XVI-XI — *Boixos Defleitidos*, p. 119) (Em A. G. Cunha, Séc. XVI).
702. REMOINHAR: "... saber se se vanto remoinhar o que se em pozos ingere se" (Séc. XV — *Itiro da Montaria*, p. 106) (Em A. G. Cunha, Séc. XVI).
703. REMUNERATIVO: "Importa também que a boa aventurança lhes fosse dada não só por liberalidade preciosa, senão por justa consideração entendendo merecimento". (Séc. XVII — Pa. Manoel Bernardes *Ovillinos (Out do Anonim)*, p. 56) (Em A. G. Cunha, Séc. XVII).
704. RENASCER: "Recebeu (Jesus Cristo) carne e foy concebido do espirito sancto. Renasceu da virge casta Maria uenturosa etc". (Séc. XI) — *Alonso X. Fuero Real*, p. 26) (Em A. G. Cunha, Séc. XVI).
705. RENASCIMENTO: "Ao santo baptismo chamou Christo como Senhor renascimento. (1578/1581) — Fr. Tomé de Jesus, *Tratado de Moral*, 3ª ed., Tomo II, p. 122) (Em A. G. Cunha, 1917).
706. RENDEIRA: "E logo disse chorando Made Tereza de Sylva